

Situação atual do ensino de Língua Latina e disciplinas afins nos Cursos de Letras-Português: dificuldades e desafios

Current situation of teaching Latin Language and related subjects in Portuguese Language Courses: difficulties and challenges

 Rinaldo Brandão

 Bárbara Hellen de Andrade

 Yasmim Normanha

Resumo: O presente artigo explora a relevância do ensino de Latim na formação de professores de Letras-Português, apesar da redução curricular e destaca a contribuição do Latim para aspectos sintáticos, morfológicos, fonológicos e semânticos do português brasileiro. Através de uma metodologia bibliográfica descritiva/qualitativa, revisa-se a história do ensino do Latim no Brasil e sua diminuição gradual nas grades curriculares. A pesquisa justifica-se pela urgência em valorizar os componentes curriculares relacionados ao Latim na formação de professores de língua portuguesa, considerando as adaptações das instituições de ensino às mudanças curriculares. Além disso, menciona propostas de abordagens metodológicas do ensino do Latim, considerando as demandas sociais e culturais contemporâneas. Busca compreender as raízes históricas das transformações no ensino do Latim para propor estratégias que resgatem sua importância na formação dos profes-

Rinaldo Brandão. Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor titular de Língua e Literatura Latina da Universidade Estadual da Paraíba.

Bárbara Hellen de Andrade. Graduanda em Letras-Português pela UEPB.

Yasmim Normanha. Graduanda em Letras-Português pela UEPB.

sores de Letras-Português. Como contribuição teórica, utiliza-se as obras de Viaro (1999), Ilari e Basso (2009), Sousa et al (2019) etc.

Palavras-chave: língua latina, matrizes curriculares, letras-português.

Abstract: This article explores the relevance of teaching Latin in the training of Portuguese Literature teachers, despite the curricular reduction, and highlights the contribution of Latin to syntactic, morphological, phonological and semantic aspects of Brazilian Portuguese. Using a descriptive/qualitative bibliographic methodology, the history of Latin teaching in Brazil and its gradual decline in the curriculum is reviewed. The research is justified by the urgency in valuing the curricular components related to Latin in the training of Portuguese language teachers, considering the adaptations of educational institutions to curricular changes. Furthermore, it mentions proposals for methodological approaches to teaching Latin, considering contemporary social and cultural demands. It seeks to understand the historical roots of the transformations in the teaching of Latin to propose strategies that rescue its importance in the training of Portuguese Literature teachers. As a theoretical contribution, the works of Viaro (1999), Ilari and Basso (2009), Sousa et al (2019) etc. are used.

Keywords: Latin language, curriculum frameworks, Portuguese letters.

Introdução

O presente artigo desenvolve os seguintes tópicos: inicialmente esclarece os motivos pelos quais o ensino da língua latina delimitou-se às grades curriculares dos cursos de letras ou a pouquíssimas graduações de letras clássicas, a partir das mudanças nas matrizes curriculares nacionais, tornando-o cada vez mais distante da realidade do alunado que pouco se interessa pela contribuição das línguas clássicas para a formação e constituição da língua portuguesa. Em sequência, o

artigo esclarece a presença do latim no português em termos fonológicos, sintáticos, morfossintáticos e semânticos, retomando vocábulos e estruturas morfossintáticas para exemplificar os usos do português, tanto no aspecto ortográfico, quanto ao vasto campo semântico, refletido pela diversidade cultural do português brasileiro.

Compreender a complexidade da estrutura lexical e semântica da língua portuguesa exige, indispensavelmente, a compreensão de sua língua originária, o latim. A língua latina interferiu por séculos na cultura e educação dos povos ocidentais, por isso estudá-la se impõe na medida em que a abordagem diacrônica da língua propicia uma perspectiva ampla do fato linguístico e pode fornecer elementos inteligíveis no processo de ensino/aprendizagem da língua. Outrossim, o ensino do latim está intrinsecamente ligado à história da educação brasileira, de forma geral, e da língua portuguesa em particular.

A história da educação no Brasil é um espelho das transformações sociais e culturais que o país experimentou ao longo dos séculos. Nesse cenário, mudanças notáveis e significativas ocorreram nas matrizes curriculares brasileiras em relação ao ensino do latim, uma língua clássica que desfrutou de um papel central no sistema educacional durante muitos anos. As modificações das matrizes curriculares e a gradual perda de espaço do latim na educação brasileira refletem não apenas as transformações pedagógicas, mas também as mudanças culturais e sociais que moldaram a história do Brasil. Neste trabalho, exploraremos essa historicidade, traçando o percurso do latim como disciplina central nos currículos escolares e examinando como, ao longo do tempo, esse idioma clássico perdeu gradativamente sua proeminência, cedendo espaço para outras prioridades educacionais e linguísticas.

À medida que avançamos para as décadas de 1960 e além, torna-se evidente um profundo redirecionamento nos objetivos educacionais

do Brasil. Nesse período, o país vivenciou a transição de uma economia agrária para uma economia mais industrializada e urbanizada. Essas mudanças sociais tiveram um impacto direto no sistema educacional, à proporção que novas demandas surgiram.

Durante esse período, as políticas educacionais buscaram promover a universalização da educação básica e a formação de uma força de trabalho mais capacitada para atender às necessidades da crescente economia industrial. Questões como alfabetização, educação técnica e profissionalizante, e até mesmo a expansão do ensino superior tornaram-se prioridades. Sousa *et al* (2019, p. 7), mencionam que: “É possível notar, portanto, que o argumento acerca da seleção de conhecimento a ser ensinado obrigatoriamente passou a ser fortemente pautado por uma noção de utilidade para o mercado de trabalho”.

Essa nova direção na educação brasileira levou a uma revisão das matrizes curriculares, ao passo que as disciplinas tradicionais, como o latim, passaram a ser consideradas menos relevantes para os objetivos educacionais contemporâneos. O latim começou a ser visto como uma disciplina que demandava tempo e recursos, mas que oferecia retornos limitados em termos de preparação para as necessidades modernas. Consequentemente, o latim passou a ser considerado uma disciplina desalinhada aos objetivos educacionais, levando à sua gradual remoção das matrizes curriculares.

O itinerário da língua latina nas matrizes curriculares do Brasil: Causas e consequências

A transição do latim de uma disciplina central para uma alternativa de descarte nas matrizes curriculares brasileiras foi consequência da promulgação de leis e reformas educacionais ao longo do século XX.

A língua latina chegou ao Brasil através dos jesuítas, sobretudo, pelos membros da *Companhia de Jesus* fundamentado no *Ratio Studiorum*, plano educacional que estabeleceu diretrizes para o sistema educacional das escolas e colégios dirigidos pelos jesuítas em todo o mundo. Esse documento tinha como objetivo fornecer uma estrutura educacional sólida e uniforme que abrangesse uma ampla gama de tópicos, desde estudos humanísticos até ciências e teologia. Além disso, enfatizava-se o ensino com base em métodos pedagógicos rigorosos e sistemáticos, como a vigente *Base Comum Curricular Nacional* (BNCC). O domínio da *Companhia de Jesus* fundou escolas como a “ler e escrever” e o “Colégio de todos os Santos”, assim, quaisquer documentos ou comunicação oral que advinham da natureza cristã católica da companhia tinham o latim como língua oficial. Por 210 anos (dois séculos) os jesuítas mantiveram o funcionamento do sistema educacional, preservando o ensino do latim como inserção do mundo cultural, ou seja, a língua era a base para a aquisição de conhecimentos variados.

Os jesuítas baseavam-se na concepção humanística – ensino de cultura e arte – que gerou contraposição e resistência à concepção pragmática com a concepção pragmática surgida por uma preocupação profissional. Além disso, o latim, até os dias de hoje, esteve equivocadamente vinculado ao poder católico, tendo sido por esse motivo a causa da expulsão dos jesuítas no Brasil colônia, fato que culminou com a chegada da coroa portuguesa para o Brasil e a crescente necessidade por um ensino “pragmático” voltado para a preparação laboral, reflexo de um crescimento exponencial, embora ainda muito modesto, em termos de avanços técnicos proporcionados por uma industrialização incipiente.

No século XX, a permanência do latim começa a se contrapor à utilidade do trabalho e rotular-se como disciplina não-obrigatória, o

que gera uma concorrência no início do século com as línguas “obrigatórias” impostas pela Reforma Capanema, implementada durante o governo de Getúlio Vargas na década de 1940. Segundo Amarante (2017), essa reforma buscou modernizar o sistema educacional brasileiro e, entre suas mudanças, tornou o ensino do latim opcional nas escolas secundárias. Isso representou um afastamento da tradição anterior, em que o latim era uma disciplina prescrita em muitos currículos escolares.

Logo após, houve a promulgação da primeira LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1961 que reforçou a tendência já existente de adaptação do currículo educacional brasileiro às necessidades e demandas da época. Outrossim, a Lei N° 5. 692, de 1971 não definiu e nem defendeu a obrigatoriedade das disciplinas de língua clássica, o que restringe o ensino do latim apenas nas escolas tradicionais e, conseqüentemente, prioriza a *comunicação e expressão*, os *estudos sociais* e as *Ciências* nos currículos educacionais. Ademais, o decreto n° 91.372, de 1985, encabeçado por José Sarney no final do século XX, deu ênfase à formação profissional, introduzindo disciplinas técnicas e profissionalizantes para melhor preparação dos alunos no mercado de trabalho. Em relação ao ensino das línguas clássicas, como o latim, o decreto permitiu que essas disciplinas fossem oferecidas de forma opcional nas escolas secundárias, em vez de serem obrigatórias, refletindo a tendência de redução do ensino das línguas clássicas nas escolas brasileiras. À vista disso, o latim começa a ser extinto de documentos oficiais e das práticas de ensino, sendo esta última voltada, de forma geral, à profissionalização.

O pragmatismo curricular imposto pela primeira LDB, voltada para as aplicações das exigências do mercado de trabalho, instituiu o Parecer N° 339/72 que tinha como “slogan” as frases “iniciação para o trabalho”,

“sistema de produção e prestação de serviços”, “aplicação de materiais e instrumentos”, reforçando uma educação preparatória e “científica”, que restringe o ensino de línguas clássicas, na década de 80, aos cursos superiores de Letras e a acervos literários escritos pelos latinistas.

Por outro lado, a proclamação da segunda LDB de 1996, apesar de não erradicar totalmente a perspectiva utilitarista, firma acessos esperançosos para o latim, como a Lei N° 4.024/1996 que assegura no art. 53 o direito de as universidades decidir a “criação, expansão, modificação e extinção de cursos”, que vai ao encontro da luta dos latinistas em comprovar a aplicabilidade do latim no ensino. Com isso, o acervo didático dos Estudos Clássicos cresce significativamente, contribuindo para uma melhor seleção de textos, que corrobora diferentes práticas de docência para ensinar o latim, como também a aprendizagem de indivíduos interessados em conhecer as estruturas e formas da língua latina, que contribui positivamente no ensino da língua portuguesa.

É importante ter em mente que as mudanças no currículo educacional são, geralmente, influenciadas por uma variedade de fatores, incluindo permutações de valores culturais, pedagógicos e sociais. A LDB é um dos principais instrumentos que regula a política educacional no país, podendo influenciar a maneira como tais diretrizes serão implementadas em nível nacional. Como consequência da tendência de reduzir o ensino das línguas clássicas, tanto a versão de 1961, quanto a revisão de 1996, podem ter refletido a visão predominante da época em relação à relevância dessas disciplinas no currículo dos cursos de letras (em especial a habilitação em língua portuguesa).

○ latim de ontem e de hoje

A maioria dos cursos de graduação em Português oferece uma disciplina introdutória à língua latina. Nesses cursos, os alunos aprendem os fundamentos da gramática latina, incluindo a conjugação de verbos, a declinação de substantivos e adjetivos, e a estrutura geral da língua, além de, frequentemente, incluírem a leitura e tradução de textos latinos clássicos. Os discentes têm a oportunidade de estudar obras de autores como Cícero, Virgílio, Horácio, entre outros. Isso contribui para o desenvolvimento das capacidades de leitura e compreensão do latim.

Além da língua, os cursos também podem abordar temas relacionados à história e à cultura romana. Isso inclui tópicos como a sociedade romana, a política, a religião, a filosofia e a influência romana na cultura ocidental. Em alguns cursos, a língua latina é usada como uma ferramenta para estudar a linguística comparativa e a evolução das línguas românicas, incluindo o português. Isso pode envolver a análise das semelhanças e diferenças entre o latim e o português de demais línguas românicas. Nesse prisma, Dantas e Silva (2021, p. 172) afirmam que:

Através do estudo da língua latina, podemos apreender mais sobre a diacronia da nossa Língua Portuguesa, possibilitando-nos uma compreensão sintática, morfológica, etimológica e semântica bem mais aprofundada. Ainda mais, favorece-nos um amplo entendimento sócio-cultural e histórico, a fim que os futuros docentes de língua portuguesa tenham uma capacitação profissional mais aprofundada e que possam desempenhar a sua função da melhor maneira possível.

A fim de analisar o papel do ensino do latim na educação contemporânea e sua relevância no contexto acadêmico, é instrutivo explorar a ementa da disciplina Língua Latina, oferecida pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB):

Construção de competências para compreender o sistema gramatical latino e sua derivação portuguesa. Morfossintaxe dos casos: análise contrastiva entre o sintetismo do latim e analitismo do português. Morfossintaxe verbal: tempos primitivos e derivados do infectum e perfectum. Casos especiais da sintaxe latina: acusativo com infinitivo, dativo de posse e ablativo absoluto (PPC/UEPB, 2016, p. 102).

Ao analisar essa ementa, é possível compreender como os discentes que escolhem cursar português têm a oportunidade de imergir em uma língua antiga que desempenhou um papel fundamental na formação da cultura e da literatura ocidentais. A disciplina explora aspectos da gramática, leitura de textos clássicos e o contexto cultural em que o latim era empregado. Mais importante ainda, a ementa ressalta como o latim é muito mais do que apenas uma língua morta; é uma janela para a história e uma base sólida para o estudo das línguas modernas. Essa ementa representa um elo com o passado rico da língua latina, lança luz sobre como a tradição linguística clássica que ainda influencia a educação superior e nosso entendimento das origens da língua portuguesa.

É relevante salientar que, embora a disciplina de Língua Latina ofertada pela UEPB forneça uma valiosa oportunidade de aprendizado, ela também reflete uma mudança significativa na forma como o latim é estudado nos tempos modernos. Ao analisarmos a imersão e o domínio que eram característicos dos estudos de latim antes da primeira LDB, percebemos que o ensino atual representa uma imersão mais superficial. Em épocas anteriores, o latim era ensinado de forma

concentrada em termos de linguagem, gramática e literatura clássica, e os estudantes eram submetidos a uma profunda exploração da língua. Hoje, embora o latim ainda seja ensinado com grande valor, a ênfase pode ser mais voltada para a compreensão e apreciação do contexto histórico e cultural, o que resulta em uma imersão mais limitada em sua estrutura e uso linguístico.

Ademais, apesar dum requerimento do latim nas Universidades a partir da LDB de 1996, há uma discrepância entre o eixo público e particular, uma vez que nas instituições de ensino superior privado, a língua latina e disciplinas afins estão ausentes ou foram gradativamente reduzidas nas grades curriculares das licenciaturas em língua portuguesa. Sobre essa óptica, Carpani e Prata (2010, p. 216 apud Dantas e Silva, 2011, p. 179) afirmam:

Com base nos argumentos apresentados ao longo do presente artigo, é necessário destacar que o contexto educacional superior privado tem sido pouco explorado em pesquisas acadêmicas no que diz respeito ao ensino de latim nos cursos de Letras. Os dados encontrados a partir dessa pesquisa são muito interessantes, sobretudo quando os comparamos com a realidade das Universidades públicas, em que a procura pelo ensino de latim, como dissemos na Introdução, é bem grande. O que acontece nos cursos de Letras das Universidades públicas parece algo contraditório em relação àquilo que acontece nos cursos das Instituições privadas, tendo em vista que, nesses lugares, a demanda e carga horária para o ensino de latim vêm sendo reduzidas crescentemente.

Essa realidade é resultado ainda da Lei de Capanema (1942) que institui o latim como decisão das universidades. Assim, as corporações públicas sofrem uma redução menos significativa em contraponto às particulares.

Em forma de comparação, a UEPB, instituição pública, atualmente oferta três cadeiras obrigatórias que retomam o estudo das línguas clássicas no curso de Letras-português: Geopolítica na língua portuguesa no quarto semestre com carga horária de 45 horas, que contempla o estudo da origem do português, além da formação da língua portuguesa nos países lusófonos; Língua Latina no quinto semestre, com carga horária de 90 horas, que estuda as estruturas latinas a partir dos seus acervos literários e Português Histórico no sexto semestre com carga horária de 60 horas, que analisa as mudanças linguísticas internas do latim para o português. Por outro lado, as escolares particulares quase não estudam o latim, tendo como exemplo a Universidade Paulista (UNIP) que oferta uma disciplina “Língua e Cultura Latinas”, com carga horária de 30 horas, e a Faculdade Maurício de Nassau, que não disponibiliza nenhum componente de língua clássica na sua grade curricular e também não oferecida em Ensino à Distância – EaD em ambas as instituições referidas.

Nesse contexto, nota-se que as instituições foram afetadas com graus diferentes, podendo variar entre pública e privada, como também podem ser influenciadas pelas regiões e interesses adotados por cada matriz curricular.

A escolha dos materiais didáticos: desafios e contrapontos

A priori, o profissional de Licenciatura, muitas vezes, depara-se em conflito para decidir a melhor prática pedagógica, que consoante a educação atual, limita-o. Conforme Ilari e Basso (2009), o professor de língua materna deve ser alguém que interprete apenas o necessário no texto, e assim esclareça a língua. Entretanto, o conceito de correção gramatical existente nas formas de ensino, contrapõe uma refle-

ção propriamente dita, que desestimula a curiosidade dos alunos nos “porquês” das estruturas. Para isso, é necessário a implantação de disciplinas nos institutos de formação, que retomam a origem da língua materna para uma ação efetiva do professor no ensino-aprendizagem em sala de aula.

Para quaisquer métodos de ensino-aprendizagem, o material didático contempla um dos recursos indispensáveis para sua efetivação. As discussões em torno das formas de ensinar e das escolhas dos materiais são constantemente atualizadas, pois devem adequar-se ao cenário do alunado. Nesse contexto, as universidades, em consoante ao ensino de latim, precisam se preocupar com a oralidade, como o ensino das línguas estrangeiras, utilizando saudações e leituras orais de textos em latim; como também gerar a aproximação de autores latinos para uma inserção da cultura antiga – uso de certos léxicos que são perpetuados no português brasileiro. Assim, a genuína reprodução de tabelas gramaticais não é suficiente para o graduando de Letras, pois este precisa entender e reproduzir as diferenças e semelhanças do latim para compreender a estrutura do português, produzindo familiaridade entre as regras dos plurais, as formas de conjugação, a escolha de vocabulários que remetem ao gênero feminino e masculino etc.

Ilari e Basso (2009) ainda defendem que o professor de português necessita conhecer a cidade a fundo, ou seja a língua, pois a reprodução dos conhecimentos de língua materna deve ser explicada e entendida, e não baseada no “é porque é” sem gerar uma reflexão das formas, e para isto, a língua latina contempla tanto as explicações linguísticas como a predominâncias de aspectos culturais, refletindo, muitas vezes, quem somos. À face do exposto, Viaro (1999, p. 11 *apud* Dantas; Silva, 2011, p. 177) reflete:

Sobre os antigos materiais, ao mesmo tempo em que sugere algumas mudanças: Os métodos antigos em muito pecaram, dando ao ensino do latim o caráter penoso das infinitas tabelas a serem decoradas pelo aluno, que, por sua vez, não via sentido naquilo. Muitas vezes até textos inteiros tinham de ser decorados. Não querendo tirar o mérito dessa metodologia, que, por seguro, ajudava em muito a desenvolver a memória dos alunos, acredito que atualmente a postura é outra: é preciso revitalizar o valor que o latim tem como um ótimo meio para aguçar a percepção etimológica das raízes do português (e de outras línguas, como visto acima), o exercício da análise sintática, o raciocínio lógico, a ampliação de vocabulário e a curiosidade para entender outros momentos históricos e o desenvolvimento das sociedades e do pensamento até os dias de hoje.

Para Viaro (1999), a língua latina jamais pode ser encarada como obsoleta e ultrapassada. Para um entendimento de maior alcance do fato linguístico, compreender uma língua depende do estudo de seus aspectos histórico-sociais, cujas origens remontam ao latim, seja o erudito (clássico) ou o vulgar. Além disso, a aquisição desse conhecimento requer, por vezes, a escolha de ferramentas didáticas eficientes. Assim, métodos já ultrapassados, como a prática de decorar regras e tabelas de declinação e conjugação, práticas desenvolvidas por muito tempo, devem ser substituídas por um ensino reflexivo, voltado para uma percepção mais humanística – já empregadas pelos antigos jesuítas que justapõem à língua fatores de contextualização a partir da cultura e da arte.

A ausência da língua latina nas grades curriculares do ensino superior pode comprometer o entendimento diacrônico do fato linguístico. O estudo de textos circunscrito apenas à imposição de regras gramaticais não está apenas vinculado a antigas práticas pedagógicas da língua latina, encontra-se também nas práticas de ensino de língua materna.

Assim, o material didático de latim deve acompanhar a demanda por reflexão sobre a língua, seus usos e gêneros textuais, sua contextualização histórico-cultural e literária, dentro de uma perspectiva ampla de abordagem do texto.

A presença do latim no português

Hodiernamente, o latim é considerado uma língua morta. No entanto, está muito mais viva do que pensamos, uma vez que há uma grande presença desta língua no nosso dia a dia. Essa língua que deu origem a tantas outras línguas esteve presente em numerosos eventos históricos da humanidade, bem como permanece enraizada na cultura contemporânea, servindo de influência para a literatura, as artes, a religião, entre outros aspectos. Essa mesma língua, importantíssima para a história das línguas, é considerada a língua mãe da Língua Portuguesa.

Sobre a atuação do latim atualmente, Oliveira e Vieira (2017, p. 3) afirmam:

Embora seu papel tenha reduzido desde o início do século XX, ainda hoje é utilizado no meio acadêmico, para ciência, matemática, direito, publicidade e propaganda, instituições religiosas e em diversos textos encontramos expressões latinas.

A língua é um fenômeno social, sendo assim histórica, isto é, entender uma língua é sondar sua história, já que o latim é instaurado no Brasil através das escolas jesuítas pelos antigos colonizadores. A língua portuguesa foi transplantada para o Brasil, com as características do português europeu da época, mas concomitantemente entrando em contato com novas etnias e costumes indígenas e africanos que a transformou como nação multicultural.

Para que se possa entender a contribuição da língua latina para a formação da língua portuguesa, e do português brasileiro em particular, faz-se necessário examinar as seguintes configurações socioculturais e educacionais:

1. Língua: o português, língua oficial do Brasil, é uma língua românica derivada do latim vulgar, e em última instância, também do clássico. Grande parte do vocabulário do português tem raízes latinas, incluindo palavras relacionadas a áreas como direito, medicina, religião, ciência e outras disciplinas acadêmicas.

2. Educação: durante o período colonial, o ensino no Brasil era fortemente baseado no latim. As escolas e universidades coloniais enfatizavam o estudo do latim como parte essencial da formação acadêmica. Isso influenciou a estrutura educacional brasileira por um longo tempo. Tem-se heranças de palavras latinas voltadas à educação, como o vocábulo “docente”, utilizado cotidianamente, deriva do latim “*doceo*” que significa ensinar, e “discente” do latim “*disco*” que significa aprender.

3. Religião: a Igreja Católica desempenhou um papel central na colonização e na disseminação da cultura latina no Brasil. Os rituais religiosos, as orações e os textos litúrgicos eram em latim, o que contribuiu para a preservação e difusão do latim no país.

4. Nomenclatura científica: muitos termos científicos utilizados no Brasil têm origem no latim. Esses termos são amplamente utilizados nas áreas de medicina, biologia, botânica, zoologia e outras ciências. A influência latina é evidente nos nomes científicos de espécies, gêneros e famílias de plantas e animais encontrados no Brasil.

5. Expressões idiomáticas e provérbios: algumas expressões idiomáticas e provérbios do português brasileiro têm origem no latim. Embora possam ter sofrido modificações ao longo do tempo, ainda é possível identificar as raízes latinas em muitas dessas expressões.

Assim, a língua portuguesa mantém aspectos lexicais, sintáticos, fonéticos e morfológicos do latim que passam despercebidos pelos falantes que não têm conhecimento dos estudos diacrônicos. Grande parte dos falantes utilizam com frequência no dia a dia diversas expressões latinas, como:

A priori = a princípio
Carpe diem = colha o dia
Corpus Christi = corpo de Cristo
Curriculum Vitae = trajetória de vida
Et cetera (etc) = e outros
In loco = no local
Modus operandi = modo de agir
Alibi = Alegação de lugar diferente ao do crime

A utilização de vocábulos é uma ação fluida e não premeditada, visto que o latim incorpora a história da língua, assim as mudanças lexicais acompanham a sociedade que reproduz o latim até os dias de hoje para nomear alguns termos.

Outrossim, a importância de conhecer a etimologia da palavra não só traz o conhecimento da historicidade do léxico com os vocábulos herdados diretamente do latim, como também auxilia no aprendizado, no manuseio da ortografia e na ampliação das capacidades semânticas de cada vocábulo. O português descende de, pelo menos, 80% do léxico latino, sendo este a explicação majoritária para as ocorrências das palavras no português.

O conhecimento da origem das palavras pode explicar, por exemplo, a transformação do verbo no infinitivo com a letra “d” para o substantivo com a letra “s”. Como demonstra o quadro 1:

Verbos	Substantivos
Repreender	Repreensão
Compreender	Compreensão
Ofender	Ofensão

A transformação D > S dos participípios latinos são perpetuados em muitas ocorrências do português, explicando a utilização do -s e não do -ç para compor a forma substantivada.

Além disso, no latim já ocorria a mudança TI>Ç – sectio> secção, enquanto na utilização do português ocorre o paralelo Z>Ç, assim como, em alguns casos, a transformação T>Ç propriamente dita, como pode ser observado no quadro 2:

Verbo	Substantivo
Deduzir	Dedução
Traduzir	Tradução
Perfeito	Perfeição

Ademais, as regras gramaticais delimitam dois tipos de plurais: “ães” e “ãos”. Para exemplificação das ocorrências, ambos derivam do caso acusativo com número plural, sendo o primeiro terminado em -anes que compõem nosso -ães e o último encerrado por -anus que origina -ãos, convertendo respectivamente, por exemplo, em panes>-pães e manus>mãos. Assim, verifica-se, no ensino tradicional, uma imposição de regras sem a explicação para seu uso, perpetuando um ensino “superficial”. A incorporação do latim, na formação do professor, minimizaria a mera reprodução de regras para uma reflexão sobre a formação lexical e a morfossintaxe da língua com base em estudos diacrônicos, o aluno pararia de “decorar” as normas linguísticas e se

tornaria um escritor/leitor independente, pois examinaria suas escolhas lexicais e a coesão expressa por sua escrita.

De acordo com Lucchesi (2004), o modelo teórico proposto no “Curso de Linguística Geral” de Saussure, que direcionou os estudos linguísticos por décadas, estabeleceu uma série de dicotomias ou “bifurcações”, a partir da grande repartição *langue* (língua, em especial a escrita) e *parole* (pontuando a fala). Outra “irrefutável” dicotomia, consequência da primazia da anterior, o da sincronia (relacionada à língua), “vista como agora só em sua ordem interna e simultânea, fora da cadeia temporal”, é contraposta à diacronia, que encararia os fatos linguísticos do ponto de vista histórico, ou seja, “trataria dos fatos relativos à mudança linguística vistos como particulares e acidentais, e, portanto, próprios da fala” (Lucchesi, 2004, p. 56). As dicotomias saussurianas começam a ser refutadas inicialmente pela contribuição do *Círculo Linguístico de Praga* e pelos postulados teóricos consequentes do funcionalismo de André Martinet. Segundo Lucchesi:

O desenvolvimento do modelo Saussuriano pelos linguistas do *Círculo* assenta fundamentalmente numa noção que é acrescentada à concepção de língua de Saussure: a noção de funcionalismo. [...] Desta forma, a concepção da estrutura linguística torna-se mais comprometida com o modo de existir concreto da língua, com seu funcionamento efetivo e com a sua função social. (Lucchesi, 2004, pp. 82-83).

Havia nos postulados de Saussure e do seu séquito uma incompatibilidade ou uma contradição entre a concepção estrutural e o sistema fonológico da língua. Superadas essas objeções, a mudança linguística não só abrangeria o sistema fonológico, com também suas implicações nas transformações do léxico e concepção semântica. A análise diacrônica tornou-se, portanto, fundamental para rastrear a origem e o percurso

da mudança, assim como o entendimento de como as línguas se desenvolvem e como as influências históricas afetam a linguagem no plano da sincronia. Desta forma, sincronia e diacronia tornam-se indissociáveis.

Outrossim, a compreensão da etimologia auxilia no manuseio do código linguístico para sancionar a dúvida da utilização de letras num dado momento, como nos exemplos demonstrados, a utilização do -s ou -ç para compor uma sílaba formada pelo sinal diacrítico “til”. No entanto, o estudo etimológico do léxico da língua portuguesa não se restringe apenas à averiguação da composição ortográfica das palavras, a partir de sua origem, mas também aos campos semânticos relacionados a elas e como esses significados podem se alterar ao longo do tempo. Por vezes, o resgate do significado original em latim esclarece uma série de palavras do campo erudito e/ou popular, fornecendo os meios de compreensão dos fenômenos de gramaticalização, por exemplo.

Ainda, os estudos diacrônicos da língua portuguesa não se limitam a esclarecer determinadas grafias, mas também legitimam formas não-padrão, – forma de comunicação verbal que não segue estritamente as convenções da norma padrão –, bem como fornecem uma perspectiva histórica e contextualizada, reconhecendo a diversidade linguística e a importância de entender a língua dentro de seu contexto cultural e temporal.

Em “A língua de Eulália”, Bagno, no capítulo “Quem não se lembra de Camões?”, menciona “Os Lusíadas”, de Camões, e expõe verbos como: alimpar, ajuntar, alevantar, avoar, etc, como uma forma de se referir ao arcaísmo – vocábulos estigmatizados e arcaizantes – do português do Brasil. Os verbos latinos “advolo” e “uolo”, que significam, respectivamente, “avoar” (forma não-padrão, ou seja, o modo de falar regional, nomeadamente nordestino) e “voar”, estão presentes nos verbetes de dicionários como o Houaiss ou Aurélio, uma vez que

a língua está em constante mudança, e as formas consideradas não-padrão podem ser justificadas pelas construções antigas ao invés de serem caracterizadas como “caipira”, assim estudos diacrônicos mostram como as línguas se transformam ao longo do tempo, e isso inclui a aceitação de formas “estigmatizadas”.

Portanto, ao examinarmos o arcaísmo presente no português brasileiro, especialmente nos verbos mencionados por Bagno, como “alimpar” e “ajuntar”, deparamo-nos com muito mais do que formas linguísticas estigmatizadas. Essas expressões carregam consigo as camadas de uma rica herança cultural, remontando às origens da colonização e aos diversos matizes que contribuíram para a formação do idioma no Brasil. Em vez de simplesmente rotular esses termos como não-padrão, é crucial reconhecer a sua relevância como testemunhas da diversidade e da evolução da língua portuguesa em solo brasileiro.

Considerações finais

Em virtude dos fatos mencionados, torna-se evidente que a língua latina permanece profundamente enraizada na formação da língua portuguesa. Este elo histórico é crucial para a compreensão abrangente das transformações do nosso idioma e, ao mesmo tempo, lança luz sobre os desafios e oportunidades que enfrentam os educadores e estudantes.

A língua latina, como origem do português, desempenha um papel fundamental na nossa herança linguística. Seu impacto é visível em várias camadas da língua portuguesa, desde o vocabulário até a sintaxe. Além disso, a influência latina é especialmente notável na formação de neologismos em áreas modernas, como a informática. Um exemplo clássico é a palavra “deletar”, derivada do latim “deletare” que chegou

ao Brasil através do inglês, como estrangeirismo, e tornou-se parte integrante do nosso vocabulário contemporâneo.

A formação dos futuros professores de língua portuguesa deve incluir uma sólida compreensão da língua latina e de suas contribuições para o português. Isso não apenas fortalece a base linguística dos educadores, mas também os prepara para transmitir a importância histórica e contemporânea da língua latina aos seus alunos. Reconhecer a influência da língua latina na criação de neologismos, a exemplo de “deletar”, destaca como essa língua antiga continua viva e relevante em nossa vida cotidiana.

Outrossim, a perspectiva diacrônica da língua, especialmente a partir do estudo do latim, desempenha um papel fundamental na formação do professor de língua portuguesa. Entender as origens históricas da língua é essencial para um profundo conhecimento da estrutura, das mudanças e da diversidade linguística. Tal entendimento, por sua vez, contribui para uma prática pedagógica mais enriquecedora e eficaz.

O estudo do latim, ancestral do português e de várias outras línguas românicas, proporciona aos educadores uma visão abrangente das transformações da língua ao longo dos séculos. Isso ajuda a desmistificar a ideia de que a língua possui uma forma “fixa” e imutável, revelando que as línguas estão em constante transformação. Essa compreensão é essencial para o professor, que pode transmiti-la aos alunos, incentivando uma visão mais tolerante e respeitosa das variações linguísticas.

Além disso, ao estudar a língua desde suas raízes, o professor adquire uma compreensão mais sólida da estrutura linguística. Isso o capacita a abordar conceitos gramaticais com maior profundidade, relacionando-os às origens etimológicas e às mudanças fonéticas que ocorreram ao longo do tempo. Essa perspectiva diacrônica ajuda a

desvendar muitos dos mitos linguísticos e preconceitos em relação às formas não-padrão da língua, capacitando o professor a lidar com essas questões de maneira mais esclarecida e inclusiva.

A perspectiva diacrônica também oferece uma visão enriquecedora das influências culturais na língua. Ao entender como a língua portuguesa absorveu elementos de diferentes culturas ao longo de sua história, o professor pode enriquecer o ensino, destacando a diversidade linguística como um reflexo da diversidade cultural.

Portanto, ao finalizar este trabalho, é fundamental enfatizar que o ensino da língua latina e de disciplinas afins deve ser encarado não apenas como uma tradição acadêmica, mas como uma ponte para compreender a profundidade e a diversidade do português. A língua latina persiste, não apenas como um legado histórico, mas como um componente vital da nossa língua e cultura contemporâneas. Conscientizar os estudantes e educadores sobre essa conexão é essencial para promover uma apreciação mais profunda e uma compreensão mais abrangente do nosso idioma.

Referências

AMARANTE, José. O latim no Brasil após a segunda metade do século XX e a emergência de novos materiais didáticos. In: CRAVO, C.; MARQUES, S. (coords.) *O ensino das línguas clássicas: reflexões e experiências didáticas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; São Paulo: Annablume, 2017.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*, 15ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

DANTAS, Michelle Bianca Santos; SILVA, Josefa Caroline Xavier da. *Desafios do ensino do latim ontem e hoje: historicidade, métodos e uma análise do Currículo no curso de letras (Língua Portuguesa) da UFPB*. Revista Intertexto, Uberaba, MG. V. 14, N. Especial, 2021, p. 166-190.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. Algumas palavras sobre gramática, linguística e ensino. In: *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Editora Contexto, 2009, p. 229-237.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. Parábola Editorial, São Paulo/SP, 2004.

OLIVEIRA, Waislan Nathan Ferreira; VIEIRA, Fernando Zan. *Uma análise sobre a influência do latim nos dias atuais*. Ponta Grossa, PR, XV Jornada Científica Dos Campos Gerais, v. 15, p. 3, 2017.

SOUZA, Fernanda Cunha et al. *O ensino de latim no Brasil: um passado e várias perspectivas*. Revista Trem de Letras, Alfenas, MG. V. 6, N. 2, p. 1-21, 2019.

Universidade Estadual da Paraíba. *Projeto Pedagógico de Curso PPC: Letras Português (Licenciatura) / Universidade Estadual da Paraíba CEDUC; Núcleo docente estruturante*. Campina Grande: EDUEPB, p. 102, 2016.

VIARO, Mário Eduardo. *A importância do latim na atualidade*. Revista de ciências humanas e sociais, São Paulo, Unisa, V.1, N.1, p. 7-12, 1999.

Recebido em: 15/01/2024

Aprovado em: 29/03/2024

Licenciado por

